



## John Dewey e Aldous Huxley: o admirável e o impensável na formação social da mentalidade

6

*John Dewey and Aldous Huxley: brave and  
the unthinkable social mentality training*

José Cláudio Matos\*

**Resumo:** Este trabalho discute a formação da mentalidade individual, por meio de uma reflexão comparativa entre *Democracia e educação*, de John Dewey, e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. O texto literário permite um diálogo e uma leitura em face do texto filosófico, que o caracteriza como campo para a realização de um experimento de pensamento. Esse experimento é a discussão do valor atribuído por Dewey ao crescimento individual e ao social, em contraposição ao valor encontrado na narrativa de Huxley, da estabilidade. Confrontando as leituras dessas duas obras, se pode compreender mais profundamente e, em uma perspectiva diferenciada, a relevância das condições do crescimento na formação plena da mentalidade individual.

**Palavras-chave:** Dewey. Huxley. Mentalidade. Crescimento.

**Abstract:** This work intent to discuss the formation of individual mindedness, by means of a comparative reflection between Dewey's Democracy and education and Huxley's Brave new world. The literary text permits a dialogue and a reading, face the philosophical text that characterizes it as a camp for making an experiment of thought. This experiment is the discussion of the value attributed by Dewey to individual and social growth, opposed to the value of stability found in Huxley's narrative. Confronting such readings of the two works, one can understand more deeply, and in a distinct perspective, the relevance of growth conditions in the full formation of individual mindedness.

**Keywords:** Dewey. Huxley. Mindedness. Growth.

\* Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Filosofia da Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Coordenador do Projeto de pesquisa "Educação, comunicação e leitura no projeto filosófico de John Dewey".



## Introdução

Dewey, sendo um dos precursores da escola filosófica do Pragmatismo, dedicou suas obras à discussão de questões ligadas à educação e a assuntos políticos e sociais que caracterizavam a sua época, como a grande expansão da sociedade industrial. Nessa sociedade, se observa o efeito da prevalência dos interesses de um seletivo grupo sobre o interesse comum. Em *Democracia e educação* (1916), o filósofo americano demonstra um ideal em que a democracia é uma forma de ordem social capaz de equilibrar e contemplar, por meio da vida compartilhada, a maior parte dos interesses em jogo. A educação, por sua vez, aparece como o processo que leva o sujeito à sua formação moral, cultural e reflexiva. Dessa maneira, *Democracia e educação* é uma obra que conduz a pensar em processos que acontecem no indivíduo e na sociedade, resultando em crescimento para ambas as partes.

*Admirável mundo novo* (1932), embora seja um enredo fictício, aborda assuntos amplamente discutidos no que concerne à educação e à sociedade. A utopia desenhada por Aldous Huxley, com sua sociedade estruturada em um ideal puramente tecnicista, mesmo sendo tão organizada, por vezes, conduz a pensar que a ficção não está tão distante do caminho ao qual a sociedade atual está se dirigindo.

Ambas as obras descrevem uma postura definida em frente do indivíduo, da educação e da posição do sujeito ante a sociedade. Nesse sentido, com o intuito de discutir filosoficamente temas centrais da obra *Democracia e educação*, de Dewey, fazendo uso de uma abordagem diferenciada – mas que mantenha o rigor metodológico e conceitual – toma-se como campo de questionamentos o romance *Admirável mundo novo*, de Huxley.

Seguindo essa proposta, o presente artigo tem dois momentos: o primeiro discute a própria viabilidade da leitura apresentada e pretende oferecer argumentos a favor da possibilidade de se estabelecer uma discussão entre as obras de Dewey e Huxley. O segundo momento empreende a reflexão propriamente dita, refletindo acerca do modo como a mentalidade individual é entendida pelos autores em sua relação com os valores que são mantidos como fundamentais em ambos os textos.

Para isso, lança mão do procedimento de discutir as ideias teóricas fazendo uso da obra literária o que pode muito bem ser chamado “experiência de pensamento”. Essa experiência, além disso, envolve o objetivo subordinado de sugerir uma forma de acesso do leitor à obra literária, como um tipo de texto que põe em movimento possibilidades



de pensamento sem, contudo, resolvê-las ou encerrá-las em uma única possibilidade interpretativa. É essa abertura do texto literário para diferentes linhas de leitura que se pretende explorar no presente trabalho, ao discutir o tema *mentalidade individual*.

### 1 Considerações sobre método

Neste artigo estão sendo postas em confronto duas leituras, Dewey da filosofia, Huxley da literatura. Sabe-se o quanto a obra de Dewey é vasta e diversificada. A fim de manter um foco em seu estudo, escolheu-se discutir uma obra em especial, que, por suas qualidades, tem recebido a atenção da posteridade como um dos mais completos e bem-apresentados textos do autor: a obra *Democracia e educação*.

Por sua vez, o texto de Huxley possui um aspecto social, um político e um apelo a temas que envolvem educação. A escolha do *Admirável mundo novo* para este estudo deve-se, conforme o que foi dito acima, à contemporaneidade entre os autores e à natureza particular de sua narrativa, que ilustra de maneira muito hábil os problemas filosóficos que são alvo de pesquisa. Mas sua principal qualidade é a defesa, na narrativa, do valor da estabilidade como meta e objetivo da vida social. Uma defesa em favor da qual a obra apresenta seus argumentos em diversas passagens. Embora sejam partes do enredo da obra de ficção, os argumentos são plausíveis. Uma aceitação da concepção deweyana: do valor do crescimento, do modo de vida democrático e do desenvolvimento pleno das potencialidades individuais, deve ter como responder a eles.

Seguindo o que se pode concluir de indícios presentes no pensamento de Dewey, pode-se supor a leitura aqui proposta como um exercício de pensamento reflexivo, tal como o filósofo o caracteriza. Essa modalidade de pensamento é considerada o objetivo educacional de maior importância, a ser exercitada e desenvolvida no processo educacional, por meio de experiências e atividades que envolvam a curiosidade, o interesse social e a busca pela solução de um problema. Se for assim, extraem-se algumas consequências para a investigação da filosofia e em especial da filosofia da educação.

A própria leitura e a análise de conceitos e figuras no texto escrito podem ser entendidas como parte de um projeto mais amplo de educação, como formação da “pessoa reflexiva”. A leitura crítica é, ela mesma, experiência que leva a crescimento e à resolução de problemas por ela iluminados.



Além de permitir um crescimento do ponto de vista estético – ao relacionar elementos da vida diária em uma experiência integral, composta de elementos mais formais – também favorece o crescimento intelectual, a capacidade de inferir e de buscar evidências nas quais possa apoiar conclusões. Isso tudo é possível se entendermos a leitura como um processo que, pelo menos em parte, é investigativo. Uma busca por razões que tornem o texto pleno de significado, sob o ponto de vista da leitura que é defendida.

## 2 Sobre a leitura de *Democracia e educação*

Antes de avançar para a discussão propriamente dita, é preciso fazer alguns apontamentos sobre a escolha de *Democracia e educação*. As próprias palavras de Dewey postas juntas no título remetem a processos na sociedade e no indivíduo, a funcionamentos e não a estados fixos ou condições isoladas. Tanto a democracia como a educação são condições e funções de crescimento, de evolução, por assim dizer. Apontando a essas duas funções, Dewey apresenta uma reflexão filosófica sobre a vida e a sociedade que não é, segundo sua intenção, unicamente endereçada à prática pedagógica.

Adota-se aqui o ponto de vista expresso recentemente por Hansen quando declara:

O que é *Democracia e Educação* de John Dewey? Em um sentido literal, é um estudo da educação em sua relação com o indivíduo e a sociedade. Sobretudo, Dewey nos diz, é uma investigação filosófica antes de ser histórica, sociológica ou política. (2007, p. 1).

*Democracia e educação* não está sendo tomado como um compêndio ou um livro-texto para uso de educadores, mas, antes disso, mais como um tratado especulativo e refinado, de fundamentos e conceitos do que, ao longo dos anos, vai se consolidando como o que hoje chamamos naturalismo filosófico. A filosofia da educação, para Dewey, não é uma mera transposição ou aplicação de teses já constituídas em outras argumentações. Educação é um assunto que se situa no cerne, no centro da questão filosófica sobre o significado da vida individual e social. Portanto, a educação é o veículo para o desenvolvimento pleno do indivíduo, sendo o crescimento constante o maior desafio. Hansen acrescenta acerca disso: “Ele [Dewey] revela sua aversão emocional, moral



e intelectual a todas as formas de pensamento que, em sua visão, consolam, isolam e estreitam a mente, antes de abri-la para uma resposta construtiva aos assuntos humanos.” (HANSEN, 2007, p. 3). Ao contrário da conjuntura educacional de *Admirável mundo novo*, os indivíduos da sociedade democrática têm na natureza humana as armas para o seu desenvolvimento, pois, na visão de Dewey, o crescimento é intrínseco à vida.

Para o autor, o maior objetivo da educação é proporcionar ao indivíduo oportunidades e condições para crescer. Esse crescimento, por sua vez, deve ser o impulso para mais crescimento. Esse processo ocorre na medida em que cada um se apropria de suas experiências anteriores como forma de aperfeiçoar outras novas. Para isso, além da prática pedagógica, as relações sociais são, também, de fundamental importância, pois trazem o conhecimento e a trajetória dos membros mais velhos para aqueles mais novos. O indivíduo, ainda, tem, na relação com sua própria experiência, mecanismos que impulsionam seu crescimento. Por meio das metas que é capaz de traçar para sua vida e dos resultados obtidos com suas experiências pessoais, consegue modelar sua individualidade, utilizando essas vivências como forma de antecipar a repercussão de seus atos.

### 3 Sobre a leitura de *Admirável mundo novo*

Naturalmente não se está considerando o *Admirável mundo novo* uma teoria: antes, se procura demonstrar que a ficção toca em assuntos que podem ser alvos de reflexão filosófica. Pretende-se discutir como os processos de transmissão cultural são descritos em *Admirável mundo novo*. Supostamente, na sociedade descrita no livro, não haveria pleno desenvolvimento de objetivos individuais, uma vez que seus membros abrem mão da liberdade de pensamento em troca de um estado de relativo bem-estar social. Isso aparece já no sugestivo lema dessa sociedade: “Comunidade, identidade, estabilidade”. (HUXLEY, 2002, p. 9). No universo imaginado por Huxley, não existiria genuína individuação, não existiria formação plena da mentalidade, já que o processo de estabelecimento de objetivos seria fortemente controlado por forças sociais externas ao indivíduo. Vejam-se, por exemplo, as inúmeras sessões de condicionamento a que as crianças são submetidas, mesmo antes do nascimento. O personagem do *Administrador* revela isso aos jovens estudantes ao fazer a seguinte informação:



Nós também predestinamos e condicionamos. Decantamos nossos bebês sob a forma de seres vivos socializados, sob a forma de Alfas ou de Ípsilons, de futuros carregadores ou de futuros... – ia dizer “futuros administradores mundiais”, mas, corrigindo-se, completou: – futuros Diretores de Incubação. (HUXLEY, 2002, p. 21).

O condicionamento e a predestinação social criam lugares sociais bem-definidos, onde os sujeitos são condicionados a sentirem-se confortáveis como não se sentiriam em nenhum outro lugar.

Huxley explora as perspectivas política e social ocasionadas pela crescente industrialização do mundo moderno. As concepções fornecidas pelos campos da psicologia, da moderna biologia evolutiva e pelas teorias das ciências sociais aparecem como componentes do arcabouço de ideias de que se alimenta a sua distopia em *Admirável mundo novo*. Sobretudo, observamos uma noção forte de ruptura com o passado, de crença na excelência tecnológica como inauguração de uma nova era de prosperidade e bem-estar, sobre as ondas de superstição e de obscurantismo das épocas anteriores. Essa exaltação do futuro e do novo não é assumida sinceramente. Ela é alvo de uma sutil ironia, de uma ponta de denúncia contra as consequências possíveis, para o indivíduo, dessa mecanização e suposta *modernização* das relações em sociedade. Ela cria tal estabilidade por que não há grandes desafios, ou perigos, ou coisas a enfrentar ou suportar. Não há contrariedade nem imprevisto. É o caso – tão evidenciado na moderna civilização industrial do Ocidente – do propósito humano vencendo e subjugando a natureza.

O enredo da obra inicia e encerra com a exposição de seu cenário. Nos primeiros capítulos, se configura a fisionomia, a caracterização desse mundo admirável. O livro começa onde a vida começa, uma fábrica-laboratório, com estudantes em visita, atentos a detalhes, tendo só um rápido vislumbre do geral. É proposital o desprezo a noções gerais e à atenção ao particular na divisão social do trabalho. A educação como condicionamento se manifesta na escolha do destino social do indivíduo, ainda antes do nascimento. Esse é um modo de prever o ambiente e se preparar para ocorrências futuras. O segundo momento é o delineamento da visão de futuro, com incubadoras e centros de educação, e a visão antiga sendo duramente atacada como obscena. Há um repúdio dessa civilização pela família e pelo lar e pela educação desenvolvida no seio da família.



Nos capítulos finais, após o desenvolvimento da história até seu ponto culminante, o leitor tem contato com os fundamentos conceituais dessa civilização. Ali é que se encontra a estabilidade sendo defendida como o maior valor a ser perseguido, mesmo em detrimento da verdade e da beleza.

Além disso, temos que pensar na nossa estabilidade. Não queremos mudar. Toda mudança é uma ameaça à estabilidade. Esta é outra razão que nos torna pouco propensos a utilizar invenções novas. Toda descoberta da ciência pura é potencialmente subversiva: até a ciência deve, às vezes, ser tratada como um inimigo possível. (HUXLEY, 2002, p. 272).

Nas falas do personagem Mustafá Mond, vem ao leitor a concepção que dá suporte ao argumento dessa civilização. Um argumento – é o que se espera mostrar – digno de ser alvo de uma reflexão mais cuidadosa.

Por último, uma das consequências que se pode extrair ao adotar essa perspectiva de leitura envolve entender esse auge, essa exaltação, sobretudo esta crise e essa desfiguração da modernidade industrial e científica, pelo ponto de vista de um tipo diferente de intérprete. É por essa razão que se espera encontrar esse intérprete em uma literatura científica e política, como nunca havia sido vista antes. Uma literatura que é produto do próprio ambiente sobre o qual escreve, tão devastadora e tão imaginativa.

#### 4 A mentalidade individual segundo Dewey

Dewey mantinha uma visão de sociedade radicalmente oposta à criada por Huxley. Ao contrário do estado de estabilidade defendido ferrenhamente pelos administradores sociais de *Admirável mundo novo*, o filósofo pensou num modelo social pautado na democracia, em que o indivíduo é agente ativo na sua constituição como ser presente no mundo e na sociedade.

Do ponto de vista de Dewey, está sendo posta em evidência a ideia de crescimento da experiência e a conseqüente formação da mentalidade individual. A mente, a fim de ser entendida como um conjunto de funções que o indivíduo vai desenvolvendo, requer como pressuposto a superação da dicotomia entre mente e mundo. Segundo a concepção dualista enfrentada por Dewey em *Democracia e educação*, a subjetividade



individual era tomada como um ponto de partida, um pressuposto filosófico. O pensamento tradicional, ao dividir a mente e o mundo em domínios distintos, demarca a existência independentemente de uma mente individual e de uma realidade que é externa a ela. Na visão de Dewey, a mente individual resulta de um processo de interação com o ambiente, cujo principal fator é o estabelecimento de objetivos e a seleção de meios para atingi-los. Sobre a mente ele adianta o seguinte: “Mente, capacidade mental, é a aptidão para relacionar as condições presentes e os resultados futuros, e futuras consequências a resultados presentes. E isso é exatamente a significação das palavras – ter um objetivo ou propósito.” (DEWEY, 2007, p. 16).

A mentalidade [*mindedness*] é um resultado, uma função. Resulta da consideração que um organismo faz de sua situação em dado ambiente e dos objetivos e meios que estabelece, a fim de interagir de modo bem-sucedido com esse ambiente.

Como aparece essa teoria dos objetivos no *Admirável mundo novo*? Ao impor e ao selecionar objetivos, a sociedade estaria impondo e selecionando a mentalidade (a mente). E isso, por sua vez, é um modo de atingir um objetivo geral externo ao indivíduo e desconexo com suas aptidões: o objetivo da ordem e do bem-estar social. Alguém objetaria que tal objetivo não é externo aos integrantes daquela sociedade, uma vez que, desde antes do nascimento, são condicionados a compartilhar dele, uma vez que tudo no ambiente social é precisamente produzido com vistas a esse resultado. A *hipnopedia*,<sup>1</sup> a eugenia e a vida voltada ao prazer, do modo como são estruturadas em *Admirável mundo novo*, assegurariam a legitimidade dos objetivos daquele modelo de educação e dos meios angariados para dar corpo às ações e condutas que levam a tais objetivos, mesmo que sua personalidade seja a mais claramente antidemocrática. Observa-se que, no sentido de mudança qualitativa, não há crescimento, só que isso não importaria, porque, propositalmente, não haveria completa individuação.

Dewey, de sua parte, atribui mais importância ao ambiente e menos a uma noção abstrata de sujeito – reconhece o projeto ordenado da natureza e da sociedade como um sistema que não pode ser controlado em todos os seus aspectos pelo propósito intencional. Popp, em seu livro *Evolution's first philosopher*, ressalta esse aspecto do pensamento de Dewey:

<sup>1</sup> Processo de educação por sugestão, ministrado às crianças durante o sono, descrito por Huxley em sua narrativa.





A evolução nos mostra que o fenômeno das coisas vivas só é adequadamente explicado em termos da continuidade do crescimento, que é a característica central da teoria. Dewey capturou este traço de todas as coisas vivas e viu que qualquer análise adequada e viável da cognição humana deverá respeitar o princípio de continuidade, que significa que mente, consciência e conhecimento devem ser descritos na mesma linguagem de constante mudança contínua exigida para expressar a teoria evolutiva. (2007, p. 83).

A mente, como uma capacidade de adequar as condições da relação entre o indivíduo e o seu meio, é o resultado do processo evolutivo e não a sua causa.

A obra de Huxley é um exemplo de uma sociedade onde a subjetividade individual é interceptada, e os indivíduos, moldados a situações e a atividades impostas pelo sistema social. O ideal de estabilidade está tão enraizado e enfaticamente apresentado na narrativa de *Admirável mundo novo* que, quando não é feita uma leitura crítica com vistas às possibilidades de mobilidade e crescimento do indivíduo, os argumentos postos pelo autor parecem plausíveis.

Na concepção de Dewey, a evolução da vida social é um processo que tem influência direta na mentalidade individual e nos seus processos de formação.

Na mudança da escravidão para a cidadania livre, perdemos, ao invés de ganhar, se o mais valioso resultado dessa mudança for simplesmente um aumento da eficiência mecânica dos instrumentos de produção humanos. Portanto, perderemos ao invés de ganhar, se pensarmos na inteligência como um órgão de controle da natureza por meio da ação e nos contentarmos com a persistência de um estado de ininteligência e falta de liberdade para os que se envolvem diretamente com a transformação da natureza para o uso, mantendo a inteligência que controla esse processo como posse exclusiva dos cientistas e capitães da indústria. (DEWEY, 2007, p. 38).

De um lado, Dewey reconhece a importância de o educador fundar sua reflexão no exame de uma teoria da sociedade correlata a uma teoria do conhecimento. Era preciso haver uma estrutura conceitual na concepção tradicional, porque a dualidade ali mantida exigia uma teoria para resolver o problema da conexão entre o mundo e uma subjetividade destacada do mundo. Assim, a modernidade acaba por se assentar em



uma concepção que privilegiava o isolamento do indivíduo frente ao meio ambiente. De outro lado, Dewey faz sua crítica contra as epistemologias da tradição em vista de sua atitude obsoleta de se erigir sobre dualidades como a que isola o sujeito e impede o crescimento e a continuidade da experiência.

Segundo Dewey, o próprio método experimental, ao apostar nas capacidades cognitivas do sujeito, acarreta noção substancial da consciência. Essa noção significa a própria negação da possibilidade de emancipação tão desejada. Segundo o filósofo: “Uma sociedade democrática [...] admite a liberdade individual e o jogo de diversos interesses e aptidões em seus critérios educacionais.” (DEWEY, 2007, p. 70). Temos aqui uma analogia com a diversidade biológica, as variações necessárias para a seleção construtiva. Sobre a palavra *jogo*, empregada pelo autor na passagem acima citada, pode-se acrescentar que ela pode ser entendida como comportamento exploratório, individual, que envolve pensamento e investigação, ou ainda, como seguir regras em função do interesse compartilhado, que envolve relação ativa com o meio social, transmissão e comunicação.

A mente individual é, então, concebida por Dewey sob uma perspectiva funcionalista: ela é o resultado de um processo de acúmulo de complexidade, resultante da interconexão de experiências, hábitos e crenças. Nas palavras do autor: “Pelo intercâmbio social, pela participação em atividades que incorporam as crenças, o indivíduo aos poucos adquire uma mente por si mesmo. A concepção de mente como posseção do *eu* puramente isolada é o oposto da verdade.” (DEWEY, 2007, p. 53).

Disso decorre a importância fundamental da educação como processo de seleção e controle das experiências, já que tal processo é crucial na construção socialmente regulada das funções que compõem a mente individual.

Essa é a grande razão para Dewey defender tão enfaticamente o crescimento como um valor absoluto a ser observado, o crescimento da experiência, o crescimento das possibilidades sociais de intercomunicação, pois é por meio do crescimento que o indivíduo pode desenvolver toda a sua potencialidade e sua capacidade. E, afinal, participar, na sociedade, das funções mais próprias da vida, entendido o termo em sentido bem amplo de vida cultural e social, como o faz Dewey logo no primeiro capítulo de seu livro.



Assim, como se observa pelo exame de ambas as obras, tanto Dewey quanto Huxley oferecem descrições da situação dos indivíduos, que recuperam a interação entre esses e o ambiente social num processo que é constitutivo tanto de uns quanto do *outro*. O indivíduo e o mundo circundante não podem ser vistos como domínios nem como substâncias independentes. Mas Dewey concebe essa visão integrada guiado pelo valor do crescimento, e Huxley o faz guiado pelo valor da estabilidade. Para Dewey, se o sujeito individual não se apresenta como uma mente recortada do ambiente, isto permite a ele crescer e se desenvolver sob inúmeras possibilidades. Para Huxley, se o sujeito individual não se apresenta como uma mente recortada do ambiente, isso permite moldá-lo, condicioná-lo segundo interesses previamente planejados, estabelecendo, assim, uma sociedade civilizada sob a marca da estabilidade.

## 5 Estabilidade e crescimento: valores opostos

Apesar de aparecer como uma sociedade avançada, ordenada, bem-sucedida em satisfazer necessidades de seus membros, a Londres no *Admirável mundo novo*, examinada sob a ótica das ideias de Dewey, é um ambiente em grande medida infenso à manutenção da vida, porque, mesmo sendo baseada no bem-estar, no prazer e na *performance* desenvolvida da maquinaria social, falha quanto ao desenvolvimento da mentalidade individual.

Aqui alguém poderia objetar que é óbvio não se tratar, em *Admirável mundo novo*, de uma sociedade democrática. Os valores tão acaloradamente defendidos em *Democracia e educação* são todos desprezados na civilização descrita por Huxley. Qual é a relevância disso? A relevância é que temos uma oposição direta entre dois valores fundamentais:

- i) na sociedade descrita por Dewey, o valor é o crescimento; e
- ii) na sociedade descrita por Huxley, o valor é a estabilidade.

Essa última, por não atender à função do crescimento, permanece como uma sociedade em coma induzido, tendo sonho agradável. O valor da estabilidade acarreta o sacrifício do indivíduo: o sacrifício da formação plena da mentalidade e, portanto, da capacidade para assumir interesses comuns. Logo, não se trataria, em linhas gerais, de uma



sociedade, mas apenas de um aglomerado mecânico de instituições e de hábitos.

Não foram por acaso as menções feitas a Henry Ford durante o livro, visto que a ideologia posta em *Admirável mundo novo* tem sua base na visão tecnicista de Ford. Em seu livro *Minha vida e minha obra* (publicada originalmente em 1922), o autor deixa clara sua visão de sociedade, afirmando que

não há maior absurdo do que pretender a igualdade entre os homens. A natureza os fez desiguais e toda concepção democrática que intenta igualá-los resulta, pois num esforço que retarda o progresso. Todos os homens não podem prestar serviços iguais, porque o número de aptos é muito menor que o dos inaptos. (1954, p. 20).

Ford acreditava que os homens que administram o sistema político permitem que os outros que são “menos capazes” vivam de forma mais tranquila e com menos esforço. Depois de desenvolver essa visão acerca dos homens e de sua relação de desigualdade inata, Ford faz uma ilustração com o exemplo dos carros produzidos em sua fábrica:

Na natureza não há duas coisas exatamente iguais. Os nossos automóveis se constroem com peças que se substituem perfeitamente umas às outras. Estas peças são tão semelhantes quanto o permitem os processos químicos, o maquinismo mais aperfeiçoado e a técnica mais sábia. (FORD, 1954, p. 20).

No que toca às diferenças e às especificidades dos indivíduos e à necessidade de garantir um ambiente que contemple e se beneficie dessas diferenças, tanto Huxley como Dewey propuseram uma educação baseada no direcionamento das atividades dos membros mais jovens da sociedade, tornando a linha que separa essas duas estruturas de pensamento aparentemente tênue. Porém, quando se pensa nas formas de aglomeração social presentes em *Admirável mundo novo*, percebe-se como fica extinta a transmissão cultural proporcionada pela interação com o *outro*.

Os grupos que se formam nessa sociedade futurista não comportam membros que se unem por laços de afetividade ou comunidade de interesses, mas sim, pelo *status*, pelo prazer e pela necessidade de manter a condição de estabilidade. Com isso, ninguém tem individualmente



nada a acrescentar à vida do *outro*, enquanto os processos de renovação social e cultural veem-se aniquilados pelo condicionamento forçado.

Essa conjuntura é possível no sistema de reprodução artificial utilizado em Londres, no período descrito no livro. Nos bocais em que são criados, todos os indivíduos já são destinados às classes às quais pertencerão e já têm inculcidos por condicionamento os conhecimentos e as informações necessários para a manutenção dessa felicidade conformada, sempre tão valorizada e enaltecida pelos administradores do sistema. Além disso, no caso de alguma coisa não ocorrer dentro do previsto, existe o *soma*, droga livremente utilizada pelos membros da sociedade de *Admirável mundo novo*.

Conforme foi mencionado acima, o personagem Mustafá Mond fala abertamente respondendo a críticas formuladas por outros personagens, no Capítulo 16. Ali ele defende a estabilidade contra a perspectiva da novidade e do crescimento individual. Aparece distintamente uma oposição entre valores absolutos. Absolutos no sentido de que valem por si mesmos e que seriam desejáveis por si mesmos. A felicidade opor-se-ia, segundo Sua Fordeza Mustafá Mond, à verdade e à beleza. Assim, a ciência e a arte, grandes expressões da dimensão estética e da intelectual, não deveriam ser consideradas valores em si mesmos (absolutos), mas valores subordinados a certa concepção muito específica de felicidade.

Mais uma vez, o ideal social descrito aproxima-se da figura de Ford como na seguinte passagem:

Esta é a felicidade do homem ativo, do que não se encaixa numa biblioteca, experimentando ajeitar o novo mundo a velhos moldes. Ide ao operário que segue no seu bonde. Consultai-o. Dir-vos-á que ele, poucos anos atrás, voltava para casa tão tarde e exausto que nem ânimo e tempo tinha para trocar a roupa – jantava e atirava-se à cama. Agora muda de roupa na oficina, regressa à casa ainda de dia, janta mais cedo e sai com a família a espairecer. (FORD, 1954, p. 218).

Essa nunca é a felicidade de um indivíduo, sempre é a felicidade geral, da comunidade, uma felicidade amplamente distribuída e espalhada, em forma de ordem e garantia de bom funcionamento. Numa palavra: estabilidade. Esse valor absoluto opõe-se diretamente ao valor absoluto de Dewey em *Democracia e educação*, que é o crescimento.



## 6 Considerando criticamente o argumento da estabilidade

Em *Admirável mundo novo*, cada pessoa tem seu lugar, e todos se sentem satisfeitos e felizes. Então, não valeria a pena sacrificar as inseguranças da vida democrática, em função de um controle social que garantisse uma vida serena e feliz a todos? A resposta de Mustafá Mond é claríssima. Ao se referir ao indivíduo componente da civilização do *Admirável mundo novo*, ele diz: “Como cidadão feliz, laborioso, consumidor de riquezas, ele é perfeito. Naturalmente, se o senhor escolher um critério de avaliação diferente do nosso, então talvez possa dizer que ele foi degradado. Mas é preciso que nos atenhamos a um só conjunto de postulados.” (HUXLEY, 2002, p. 286).

Sobre o fato de o indivíduo estar feliz e de o argumento do sucesso da civilização ser irresponsável quando se aceita seu pressuposto de que a civilização cumpre o que se propõe, observe-se que há uma falácia nele. É que, o tempo todo, a sociedade prioriza a comunidade, a ponto de, arditamente, fundir os significados de felicidade e estabilidade social. Depois pretende justificar seu sucesso mostrando o indivíduo em estado “perfeito”. Por isso, levar o indivíduo em conta é, nesse argumento, um ardil que desvia o interlocutor do cerne da questão. O indivíduo só se considera perfeito como conclusão desse argumento, supondo-se que para isso foi desprovido de todas as características componentes da individualidade. Não há elementos individualizadores, não há legítimo estabelecimento de objetivos. Não há “a questão” (ou “as questões”) que se impõe na vida individual e que dá a ela sua motivação.

Em meio a mudanças geradas no ambiente social pelos meios tecnológicos de comunicação, pelo domínio da natureza, pelo consumo, a sociedade industrial, no Ocidente, vai se tornando estável. Pensando no presente, alguém diria que a sociedade tecnológica atual é, então, próxima a um ambiente de crescimento. Portanto, o valor da estabilidade social que a tudo submeteria, mesmo a mente individual, ficaria afastado de uma descrição adequada de mundo contemporâneo. Mas será que podemos fazer com segurança essa afirmação? O valor e a medida do crescimento é o aumento da comunicação e o alargamento da experiência e de sua transmissão e o estabelecimento das condições de experiência compartilhada.

De um lado, as condições sociais favorecem essa situação, mas, de outro, favorecem a superficialidade das relações a ponto de, em meio a uma experiência de muitos contatos, termos pessoas ocupando lugares



sociais bem-definidos, voltadas a um leque de interesses cada vez mais restrito à sua própria esfera individual. O individualismo aparece associado a uma busca pelo bem-estar e à segurança material para gozar os benefícios de um mundo onde não há mais o lastro dos valores absolutos nem necessidade alguma de autossacrifício ou nenhuma causa ou apelo arrebatador.

Por isso, deve chamar a atenção o escárnio com a educação como formação da pessoa reflexiva e o escárnio com a democracia, manifesto nas falas de Mustafá Mond e em outras passagens do livro. É um recurso retórico conhecido o de ridicularizar a postura do adversário a fim de desacreditá-la, pois, assim, sem discutir de fato as evidências e o significado das posições antagônicas, essa atitude de desprezo e de gracejo leva a postura rival a ser considerada absurda e indigna de adesão séria.

Para entender isso, é preciso realmente olhar de um terreno externo a essa armadilha argumentativa. O terreno onde se pergunta: quais são os requisitos necessários para se obter, como resultado, a individualidade? Por que processos formadores, a educação, o ambiente social produzem o *eu* individual em seu estado completo? É claro que, aqui, é preciso que já se tenha abandonado a perspectiva moderna de um indivíduo plenamente constituído, naturalmente munido de disposições e capacidades inerentes. A filosofia do sujeito (como substância individual), deve dar lugar à filosofia do sujeito (mente individual) como um conjunto integrado de funções e hábitos formados em interação com o ambiente social.

Que território seria esse, então? Em nossa tentativa de refletir sobre a questão, o território escolhido é a obra de Dewey, mais especificamente, seu tratado de 1916, *Democracia e educação*. Segundo Dewey: “Cada nova idéia, cada nova concepção sobre as coisas, diferente da autorizada, deve ter origem em um indivíduo.” (2007, p. 55). Por isso, é tornar incapaz de exercer todo o seu potencial um ser que pode desenvolver-se; impedir por algum meio o crescimento da experiência é uma violência. Mesmo que, condicionado, o indivíduo desejasse estar onde foi ali posto.

## 7 A estabilidade e o pensamento evolutivo

É esclarecedor para o interesse desta discussão observar como o filósofo e inventor da etologia, Konrad Lorenz, em seu livro *A demolição do homem* (publicado originalmente em 1983) discute a obra de Huxley e toma a sua distopia como um alerta. Lorenz ajuda a compreender por que o texto de Huxley tem parecido a tantos leitores um alarmante



experimento de reflexão sobre as consequências – imediatas e remotas – dos pensamentos científico, tecnológico e social do século XX, após a consolidação da economia tecnocrática em escala internacional. Lorenz discute reflexivamente o *Admirável mundo novo*, alertando para as consequências perniciosas da busca pela vida estável e confortável proporcionada pela sociedade industrial, em uma forma semelhante àquela descrita no livro.

Ele considera a civilização do *Admirável mundo novo* uma possibilidade plausível, apresenta da seguinte maneira:

É concebível, absolutamente, que as grandes empresas de todos os países se unam para constituir um poder que domine o mundo. Com isso estaria aniquilada a sociedade aberta, de cuja existência depende, conforme mostrou convincentemente Karl Popper, que continuemos sendo humanos, sendo pessoas. Uma sociedade fechada é, por definição, desumana. (LORENZ, 1986, p. 159).

Lorenz valoriza a abertura para a modificação e a renovação adaptativa das estruturas sociais. Seu ponto de vista, apoiado no pensamento de Popper, envolve, conforme a passagem acima aponta, a fundamental necessidade do pleno desenvolvimento individual. Qualquer controle intencional que direcione ou impeça esse desenvolvimento, como é o caso do enquadramento dos sujeitos em funções e posições sociais predefinidas, é considerado *desumano*, sob essa ótica.

O que Lorenz chama “sociedade fechada” é aquela que impede uma ampla discussão e modificação de suas estruturas, instituições, crenças e valores, por meio de uma estável e perene reprodução da estrutura e dos valores vigentes. O que há de condenável, nos mecanismos de controle da administração de uma sociedade fechada é justamente a deformação, a degeneração da individualidade, por meio da instalação ampla, detalhada e intencionalmente projetada, de hábitos e de modos de conduta predefinidos. Quanto a isso, Lorenz refere-se explicitamente ao livro de Huxley nos seguintes termos:

Em seus livros *Brave New World* e *Brave New World Revisited*, Aldous Huxley nos dá uma amostra aterrorizante do que seria uma nossa cultura do futuro: nesse mundo, uma organização severa e rígida mantém imensas massas humanas sujeitas a uma distribuição de trabalhos tiranicamente definida até o nível do mínimo detalhamento. (LORENZ, 1986, p. 159).





O que para Lorenz representa esta “organização severa e rígida”? A severidade da civilização de *Admirável mundo novo* é a severidade do condicionamento e da predestinação social dos indivíduos, que garante a satisfação das necessidades individuais de segurança e bem-estar, ao preço de sacrificar a liberdade e a conduta reflexiva e inteligente. A rigidez é a estabilidade, observada e defendida como característica da organização social à qual é atribuído o máximo valor e cuidado.

Essa referência está em acordo com a leitura que se tem proposto, na reflexão que compara a obra de Huxley com a de Dewey, ainda mais, se recordarmos que, embora pertencentes a tradições distintas de pensamento, tanto Dewey como Lorenz declaram-se comprometidos com a teoria da evolução e com a nova visão da relação entre natureza e sociedade decorrente dessa teoria. É uma visão que supera o individualismo da visão tradicional de sujeito para substituí-la pela visão que reintegra indivíduo e ambiente em uma continuidade em constante transformação.

### Considerações finais

Tendo uma visão do homem como um ser pensante e livre, o “mundo admirável” de Huxley, apesar de trazer aos indivíduos um estado de pleno bem-estar e prazer, não supre a necessidade do homem de ser, de fato, alguém. O sofrimento, a dor, o amor e a velhice são consequências da vida daqueles que estão aptos a se desenvolver. O crescimento é consequência da vida, pois está intimamente ligado a ela. Interrompendo esse fluxo natural de desenvolvimento, os esquemas de controle social ferem a individualidade do ser humano, tornando-o apenas reprodutor de um ideal que não é genuinamente seu.

É possível, como resultado, revelar, por meio da discussão aqui articulada entre as noções de Dewey e as de Huxley, os requisitos necessários a um ambiente social onde se possa levar efetivamente a cabo o processo de formação – pela educação e pela experiência democrática – da mentalidade individual. Tem-se, assim, um importante diagnóstico sobre o que está envolvido na formação social de pessoas reflexivas, capazes de traçar objetivos para sua própria vida, ao contrário de seres passivos, sujeitos às decisões de seu sistema político.

Apesar de *Admirável mundo novo* e *Democracia e educação* serem obras, respectivamente, de ficção e de teoria, as constatações feitas através da comparação entre literatura e filosofia permitem uma conclusão que pode parecer contraditória: pensando nos momentos atuais, em que os



meios tecnológicos de comunicação exercem grande poder sobre as massas, e a liberdade vem sendo suprimida pelas condições desiguais e pelo desejo de estabilidade e bem-estar, a realidade ficcional vislumbrada por Huxley tem um encaixe muito maior com o contexto em que estamos inseridos. Com isso, a democracia, tão defendida e sonhada por Dewey, pode vir a tornar-se mais utópica que a própria ficção.

### *Post-scriptum*

É possível explorar o significado do termo *paraíso*, tão recorrente em nossa cultura, quando nos referimos a um lugar ou a um tempo, em que não há sofrimento, e que é o estado público de maior felicidade possível. A civilização do *Admirável mundo novo*, ao insistir na estabilidade social e na manutenção de uma vida de gozo e de interesses infantis para os indivíduos, cria a sensação de paraíso. Um paraíso obtido pela superação dos modos arcaicos de vida, baseados nos apetites e sentimentos violentos, pelo controle da natureza e, sobretudo, pela pronta satisfação dos desejos a que o indivíduo é condicionado ao longo de sua educação. Finalmente, como recurso adicional, tem-se a sistemática administração de *soma*, em toda ocasião em que o indivíduo assim o desejar.

Permanece a ideia de que esse *paraíso* é uma conquista devida ao esforço e ao empenho da sociedade, guiada no percurso de superar suas fraquezas, suas imperfeições, sua ignorância, suas misérias físicas e morais. O paraíso aparece como um auge, um ápice, um máximo, do qual seria absurdo abrir mão. Isso nos remete à segunda ideia:

O paraíso justifica sacrifícios, justifica a vigilância e o esforço para defendê-lo e mantê-lo tal como é. Por isso, os Selvagens, na narrativa de Huxley, são encarcerados em reservas cercadas por telas de alta tensão. Por isso, aqueles que manifestam uma forte tendência individualizadora são exortados a se retirar para ilhas isoladas, onde podem, sem prejudicar a civilização, dedicar-se a ocupações menos paradisíacas, como o esforço e as incertezas da literatura e da ciência especulativa.

Ao desconfiar dessa distopia, desse artificial e suspeito paraíso de *Admirável mundo novo*, podemos estender nosso raciocínio e desconfiar de todas as ideologias que têm, como luz no fim de suas lutas, como resultados finais de seus esforços, a promessa de estados semelhantes, em maior ou menor grau. Pode-se olhar e refletir acerca do *Admirável mundo novo*, como uma denúncia da pouca serventia, do pouco significado e do pouco valor que teria a vida de uma sociedade e de um indivíduo, se ela se passasse em um paraíso.



## Referências

---

DEWEY, J. Democracia e educação: capítulos essenciais. In: CUNHA, Marcus Vinícius (Org.). *Ensaio comentados: John Dewey*. São Paulo: Ática, 2007.

DEWEY, John. *Democracia e educação*: introdução à filosofia da educação. São Paulo: Nacional, 1959.

FORD, Henry. *Minha vida e minha obra*. Prefácio e trad. de Monteiro Lobato. São Paulo: Brand, 1954.

HANSEN, David T. (Ed.). *John Dewey and our educational prospect: a critical engagement with Dewey's Democracy and education*. New York: State of New York University Press, 2007.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2002.

LORENZ, Konrad. *A demolição do homem*: crítica à falsa religião do progresso. São Paulo: Brasiliense, 1986.

POPP, Jerome. *Evolution's first philosopher: John Dewey and the continuity of nature*. Albany: State University of New York Press, 2007.

Recebido em 8 de novembro de 2010.

Aprovado em 17 de maio de 2011.